

ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (SETEMBRO 2016)

Com base na **amostra representativa da IACA** (19 empresas, com um peso de 78% da produção associada), constata-se, em **setembro de 2016**, uma produção de 197 629 tons contra 192 131 tons produzidas em setembro de 2015, o que representa um aumento da produção na ordem dos 2.9% face ao período homólogo do ano anterior, confirmando a tendência dos meses anteriores. Num mês com o mesmo número de dias de fabrico, em 2015 e 2016 (22), este crescimento da oferta ficou a dever-se ao incremento na produção de alimentos para aves (13.2%), que compensou as retrações nos restantes setores: -4.4% nos bovinos, -6.9% nos suínos e -7.8% nos alimentos para outros animais, confirmando as dificuldades do mercado. Como referimos na análise do mês anterior, é a produção de alimentos para aves e, concretamente, mais dentro da amostra, que no mercado real, que está a fazer “a diferença”, uma vez que temos ganhos de produção que no ano passado se encontravam de fora de empresas não associadas, ou de fora da amostra. No entanto, como se contata, até neste segmento avícola, seja frango ou ovos, os preços situam-se em níveis muito baixo, a oferta é excedentária e a capacidade de exportação essencial para evitar uma maior degradação, permanecendo o problema das relações com a grande distribuição como o maior estrangulamento para a Fileira pecuária, em nossa opinião. Mais um Workshop e reuniões de reflexão que vão ter lugar em Bruxelas, dias 25 e 26, no âmbito da situação e perspetivas para os mercados agrícolas, e para a PAC, e uma vez mais vamos defender esta necessidade: é urgente tomar medidas que penalizem os abusos, limitem as promoções e que apenas destroem valor na cadeia. No entanto, os estudos mostram que os consumidores (incluindo os portugueses) estão cada vez mais rendidos às promoções e marcas brancas. Como sair daqui, sem medidas legislativas?

Para além disto, ao nível da União Europeia, depois das crises do leite e da carne de porco, temos agora problemas na carne de bovino e nos cereais, setores emblemáticos da PAC, em que é cada vez mais evidente a incapacidade da Política Agrícola (cada vez mais liberal) em ultrapassar estes problemas estruturais, que estão a ser mitigados pela capacidade exportadora, mas que, a prazo, irão regressar, até à próxima crise. E se em relação aos cereais, a Comissão apenas refere que os baixos preços acentuam a competitividade no mercado mundial, referindo alguma descida nos custos, mas esquecendo o abandono, na carne de bovino, aposta-se na exportação de animais vivos e de carnes, na promoção junto do consumidor e na ajuda humanitária. Certo é que as ajudas de mais 1 000 milhões de € e as medidas adotadas para o leite e carne de suínos, dificilmente se repetirão para apoiar estes dois setores. Por cá, em Portugal, temos a discussão do Orçamento de Estado, da validade das previsões do Governo para o crescimento do PIB (1.7% em 2017), do consumo privado (1.5%), investimento (3.1%), desemprego (10.3%) ou déficit orçamental (1.6%) e a margem de risco, tendo em conta a conjuntura europeia e internacional. Discute-se se aumentam os impostos ou se teremos menos austeridade, a “justiça” relativamente à chamada “*fat tax*”, com a sensação de que a seguir ao açúcar, pode vir a gordura e outras características que diferenciam, na opinião dos governantes, alimentos bons ou maus, como se não fossem as dietas e os estilos de vida (não os alimentos), os verdadeiros culpados. Aparentemente “resolvido” o problema do déficit, Bruxelas parece mais preocupada agora com a Banca, a recuperação dos créditos e o funcionamento do sistema financeiro. Seja como for, 2017 não deverá ser muito diferente para empresas e consumidores: pode haver redução da austeridade, mas Portugal manter-se-á no trilho da falta de crescimento e se não existir confiança e investimento, público ou privado, não sairemos deste ciclo terrível para as empresas.

**Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Amostra Representativa)**

	Toneladas		
	Setembro 2015	Setembro 2016	Variação (%)
AVES	88 432	100 114	13.2
BOVINOS	44 108	42 153	-4.4
SUINOS	49 197	45 782	-6.9
OUTROS	10 394	9 580	-7.8
TOTAL	192 131	197 629	2.9

Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro

	Toneladas			
	2014	2015	2016	VAR% 2016/15
JANEIRO	190 285	183 315	178 747	-2,5
FEVEREIRO	169 253	169 178	178 832	5,7
MARÇO	180 561	194 134	199 933	3,0
ABRIL	185 747	192 758	186 057	-3,5
MAIO	187 486	179 461	190 793	6,3
JUNHO	182 590	190 011	192 230	1,2
JULHO	201 080	200 223	185 742	-7,2
AGOSTO	185 549	185 464	200 276	7,9
SETEMBRO	186 769	192 131	197 629	2.9
OUTUBRO	197 241	201 266		
NOVEMBRO	175 891	190 301		
DEZEMBRO	194 427	197 143		
TOTAL	2 236 879	2 275 385	1 710 239	1,4

**Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Valores Acumulados)**

	Toneladas		
	Jan-Set 2015	Jan-Set 2016	Variação (%)
AVES	786 567	839 167	6.7
BOVINOS	379 731	357 631	-5.8
SUINOS	420 859	418 660	-0.5
OUTROS	99 518	94 781	-4.8
TOTAL	1 686 675	1 710 239	1.4

Quanto aos **valores acumulados**, com o desempenho de setembro, a produção registou um incremento de 1,4% nos primeiros nove meses do ano, assistindo-se agora a uma subida de 6.7% nas aves e quebras, de -5.8% nos bovinos (componente carne e leite em retração), -0.5% nos suínos e -4.8% nos outros animais. Tal como nos meses anteriores, é a

produção de alimentos para aves que está a contribuir para travar a quebra da produção nacional de alimentos compostos em Portugal e devido a um elemento, conjuntural, que tem a ver com a nossa amostra, ou seja, o mercado dos alimentos compostos para animais em Portugal, depois de um 2015 em alta, regressa às tendências dos anos anteriores. De resto, como antevíamos no “lançamento” de 2016 e nas discussões ao nível da FEAC, pelas crises do leite e suínos, e a situação negativa dos bovinos de carne, ao qual acrescem dificuldades nos coelhos e pequenos ruminantes. Por outro lado, considerando as empresas que integram esta amostra, são 9 (8 no mês anterior) as que melhoraram a produção face ao ano transato, representando 47.5% de quota de mercado, contra os 41.7% de 2015. No que respeita ao chamado “mercado livre”, registou-se, em setembro, uma quebra na produção de 5.6%, que decorre naturalmente da redução das produções nos setores mais diretamente relacionados com este mercado, com destaque para os bovinos. No entanto, o valor acumulado diminuiu 5,9%, cerca de menos 36 900 tons produzidas; o peso dentro da amostra, neste período de janeiro a setembro, é de 34,5% em 2016, contra os 37,2% de 2015.

Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies

	1000 TON							
	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2015	2016	2015	2016	2015	2016	2015	2016
JANEIRO	80	81	42	40	50	47	12	12
FEVEREIRO	76	82	39	39	44	46	11	11
MARÇO	90	95	44	41	48	52	12	12
ABRIL	90	91	43	38	48	46	11	10
MAIO	87	95	39	39	43	46	11	11
JUNHO	92	97	41	39	46	47	11	10
JULHO	96	96	45	38	48	42	11	9
AGOSTO	88	102	42	42	45	47	10	10
SETEMBRO	88	100	44	42	49	46	10	10
OUTUBRO	91		47		51		11	
NOVEMBRO	87		43		49		11	
DEZEMBRO	86		46		53		11	
TOTAL	1 051	839	515	357	574	419	132	95

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos

Ao nível da **conjuntura dos produtos animais**, no setor **avícola**, o frango vivo situa-se entre 0,70 €/kg e 0.75 €/kg de peso vivo (muito baixos), o peru em 2,10 €/kg de carcaça e os ovos têm cotações entre 0,82 e 0,85 €/kg, valores com tendência de estabilidade. Nos bovinos de **carne**, assistimos a uma tendência de ligeira melhoria nos preços, nos novilhos e novilhas, e estabilidade nas restantes categorias. No **leite**, as primeiras medidas de contenção da produção foram consideradas um sucesso e a produção deverá reduzir quase 3.0% no último trimestre de 2016 na União Europeia. Os preços deverão melhorar, mas ainda longe de compensar os prejuízos da agonia de tantos meses. Nos **suínos**, depois de 4 semanas em perda, num acumulado de quase 0.20 €/kg carcaça, regressam os fantasmas da crise, sendo cada vez mais importante encontrarmos um “porco português”, diferenciado, integrando os “interesses” dos consumidores neste projeto. Sabemos que o trabalho está a ser desenvolvido. Não podemos depender da conjuntura espanhola e da sua capacidade exportadora, esquecendo o nosso próprio caminho e potencial...